



aleidedeus.org

Apêndice 7b: A Carta de Divórcio: Verdades e Mitos

Esta página faz parte da série sobre as uniões que Deus aceita e segue a seguinte sequência:

1. [Apêndice 7a: Virgens, Viúvas e Divorciadas: As Uniões que Deus Aceita.](#)
2. [Apêndice 7b: A Carta de Divórcio: Verdades e Mitos](#) (Esta página).
3. [Apêndice 7c: Marcos 10:11-12 e a Falsa Igualdade no Adultério.](#)
4. [Apêndice 7d: Perguntas e Respostas: Virgens, Viúvas e Divorciadas.](#)

A “carta de divórcio” mencionada na Bíblia é frequentemente mal interpretada como uma autorização divina para dissolver casamentos e permitir novas uniões. Este artigo esclarece o verdadeiro significado de [סֵפֶר כְּרִיתוּת] (sefer keritut) em Deuteronômio 24:1-4 e [βιβλίον ἀποστασίου] (biblîon apostasíou) em Mateus 5:31, refutando ensinamentos errados que sugerem que a mulher repudiada fica livre para se casar novamente. Com base nas Escrituras, mostramos que essa prática, tolerada por Moisés devido à dureza do coração humano, nunca foi um mandamento de Deus. Complementando [Apêndice 7a: As Uniões que Deus Aceita](#), esta análise destaca que, segundo Deus, o casamento é uma união espiritual que liga a mulher ao marido até a morte dele, e a “carta de divórcio” não dissolve esse vínculo, mantendo a mulher vinculada enquanto ele viver.

PERGUNTA: *O que é a carta de divórcio mencionada na Bíblia?*

RESPOSTA: Que fique claro que, ao contrário do que a maioria dos líderes judeus e cristãos ensina, não existe nenhuma instrução divina sobre a tal “carta de divórcio” — e muito menos a ideia de que a mulher que a recebe esteja livre para um novo matrimônio.

Moisés menciona a “carta de divórcio” apenas como parte de uma ilustração em Deuteronômio 24:1-4, com o objetivo de conduzir ao verdadeiro mandamento contido na passagem: ***a proibição de o primeiro marido voltar a se deitar com sua ex-mulher caso ela tenha se deitado com outro***

homem (ver Jeremias 3:1). A propósito, o primeiro marido até poderia recebê-la de volta — mas não podia mais ter relações com ela, como vemos no caso de Davi e das concubinas violadas por Absalão (2 Samuel 20:3).

A principal evidência de que Moisés está apenas ilustrando uma situação é a repetição da conjunção כִּי (ki, “se”) no texto: **Se** um homem toma uma mulher... **Se** ele acha nela algo indecente [עָרְוָה, **ervah**, “nudez”]... **Se** o segundo marido morrer... Moisés constrói um cenário possível como instrumento de retórica.

Jesus foi claro ao dizer que Moisés **não proibiu** o divórcio, mas isso não significa que aquela passagem seja uma autorização formal. De fato, não há nenhuma passagem em que Moisés **autorize** o divórcio. Ele apenas adotou uma postura passiva diante da dureza do coração do povo — um povo recém-saído de cerca de 400 anos de escravidão.

Esse entendimento equivocado de Deuteronômio 24 é muito antigo. Nos dias de Jesus, o [rabino Hillel](#) e seus seguidores também extraíram dessa passagem algo que não está lá: a ideia de que o homem pode mandar sua mulher embora por qualquer motivo. (O que “nudez” עָרְוָה tem a ver com “qualquer motivo”?)

Jesus, então, corrigiu esses erros:

1. Ele enfatizou que πορνεία (**porneia** — algo indecente) é o único motivo aceitável.
2. Deixou claro que Moisés apenas tolerou o que faziam com as mulheres, por causa da dureza do coração dos homens de Israel.
3. No Sermão da Montanha, ao mencionar a “carta de divórcio” e concluir com a expressão “Eu, porém, vos digo”, Jesus proibiu o uso desse instrumento jurídico para a separação de almas (Mateus 5:31-32).

NOTA: A palavra **πορνεία** (porneia) no grego é o equivalente ao **עָרְוָה** (ervah) no hebraico. No hebraico significava “nudez” e no grego foi ampliada para “algo indecente”. **Porneia não inclui adultério [μοιχεία (moicheia)] porque no período bíblico a pena era de morte. Em Mateus 5:32, Jesus usou as duas palavras na mesma frase, indicando serem duas coisas diferentes.**

É importante frisar que, se Moisés não ensinou nada sobre o divórcio, é porque Deus não o instruiu a fazê-lo — afinal, Moisés era fiel e dizia apenas o que ouvia de Deus.

A expressão **sefer keritut**, que significa literalmente “livro de separação” ou “carta de divórcio”, aparece apenas uma vez em toda a Torá — justamente em Deuteronômio 24:1-4. Ou seja, em nenhum lugar Moisés ensinou que os homens deveriam usar essa carta para mandar suas esposas embora. Isso indica que se tratava de **uma prática já existente**, herdada do período de cativo no Egito. Moisés apenas mencionou algo que já era feito, mas não o instruiu como mandamento divino. Vale lembrar que o próprio Moisés, cerca de quarenta anos antes, viveu no Egito e certamente conhecia esse tipo de instrumento jurídico.

Fora da Torá, o Tanach também usa **sefer keritut** apenas duas vezes — ambas de forma metafórica, referindo-se à relação entre Deus e Israel (Jeremias 3:8 e Isaías 50:1).

Nesses dois usos simbólicos não há qualquer indicação de que, por Deus ter dado uma “carta de divórcio” a Israel, a nação estaria livre para se unir a outros deuses. Pelo contrário, a traição espiritual é condenada em todo o texto. Ou seja, **nem simbolicamente essa “carta de divórcio” permite uma nova união da mulher.**

Jesus também nunca reconheceu essa carta como algo autorizado por Deus para legalizar a separação entre almas. As duas vezes que ela aparece nos Evangelhos são em Mateus — e uma vez no paralelo de Marcos (Marcos 10:4):

1. Mateus 19:7-8: os fariseus a mencionam, e Jesus responde que Moisés apenas permitiu (**epétrepse**) o uso da carta por causa da dureza do coração deles — ou seja, não foi mandamento de Deus.

2. Mateus 5:31-32, no Sermão da Montanha, quando Jesus diz:

“Foi dito: ‘Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio’. Eu, porém, vos digo: todo aquele que repudiar sua mulher, a não ser por causa de **porneia**, a faz adular; e quem se casa com a repudiada **comete adultério.**”

Portanto, essa tal “carta de divórcio” nunca foi uma autorização divina, mas apenas algo tolerado por Moisés diante da dureza do povo. Nenhuma parte das Escrituras dá suporte à ideia de que, ao receber essa carta, a mulher estaria espiritualmente desligada e livre para se unir a outro homem. Essa ideia não possui respaldo na Palavra e se trata de um mito. O ensino de Jesus, claro e direto, confirma essa verdade.